

Para conhecer o Islã: a Religião, a Civilização e os saberes produzidos pelos muçulmanos^I

Katty Cristina Lima Sá^{II}

Resumo: O presente artigo objetiva contestar a ideia do Islã enquanto uma cultura retrógrada e uma religião portadora de características violentas através da apresentação da cultura e dos saberes desenvolvidos pelos árabes muçulmanos no período entre os séculos VII e XIV, com atenção especial para jurisprudência islâmica, o *fiqh*, e o estudo da história através da obra de Ibn Khaldun. A partir destes temas será possível observar a convivência e assimilação por parte cultura árabe-muçulmana das culturas provenientes das regiões que estiveram sob o domínio do Califado.

Palavras-chaves: Islã. Cultura muçulmana. Tolerância.

To know Islam: Religion, Civilization and the knowledge produced by Muslim

Abstract: The present article aims to challenge the idea of Islam as a retrograde culture and a religion bearing violent characteristics through the presentation of the culture and knowledge developed by the Muslim Arabs in the period between the 7th and 14th centuries, with special attention to Islamic jurisprudence, *fiqh*, and the study of history through the book of Ibn Khaldun. From these themes it will be possible to observe the coexistence and assimilation by Arab-Muslim culture of the cultures from the regions that were under the dominion of the Caliphate.

Keywords: Islam. Muslim culture. Tolerance.

Artigo recebido em 27/10/2018 e aceito em 14/01/2019

PARA CONHECER O ISLÃ: A RELIGIÃO, A CIVILIZAÇÃO E OS SABERES PRODUZIDOS PELOS MUÇULMANOS

KATTY CRISTINA LIMA SÁ

O presente artigo tem como objetivo apresentar aspectos da civilização islâmica, enfatizando o histórico de formação do credo e da cultura muçulmana no período que compreende os séculos VII a XIV para, com isso, contestar a ideia do Islã enquanto uma cultura retrógada e uma religião portadora de características violentas. Nosso foco consistirá na convivência e assimilação por parte cultura árabe-muçulmana dos saberes provenientes das regiões que estiveram sob o domínio do Califado, bem como para os múltiplos campos do saber e pensamentos fomentados em tal contexto, aqui exemplificados através da jurisprudência e da história. Contudo, antes de iniciar as reflexões acerca dos tempos mais recuados, olharemos para o presente, mais especificamente para as relações entre Ocidente e Oriente e para as razões da existência do estereótipo do muçulmano enquanto o bárbaro^{III}.

Em 2016, durante o levantamento de dados feitos pela *Pew Research Center*^{IV} sobre a legitimidade da morte de civis em disputas de cunho político, social ou religioso, uma muçulmana de 30 anos declarou: “o Islã é paz. Não desejamos ferir [ninguém]. Todo esse bombardeio? Não. Há apenas um Deus e nós podemos concordar com isso [...]”^V. A esta declaração, soma-se o dado disponibilizado pela mesma entidade no qual os muçulmanos norte-americanos são o grupo mais preocupado com a ascensão do extremismo em nome do Islã, uma vez que este reforça os estereótipos e suscitam perseguições a comunidade muçulmana^{VI}. Em contrapartida, 49% dos estadunidenses entrevistados, em outro momento da pesquisa, afirmaram que o Islã é a religião mais propensa a encorajar atos de violência entre seus seguidores, e que esse credo não condiz com a democracia^{VII}.

Segundo Erin Kern e seus colaboradores^{VIII}, os dados acima não se explicam pela incidência de ataques cujos autores eram declaradamente muçulmanos, sejam eles ligados ou não a organizações terroristas como a Al-Qaeda, uma vez que dos 136 ataques ocorridos dentro dos Estados Unidos entre os anos de 1980 e 2016, apenas 12,5% tinham alguma ligação com o fundamentalismo islâmico. Contudo, cabe ressaltar a constante estereotipação da figura do muçulmano realizada pela mídia do entretenimento, que o retratam na posição de antagonista, fanático e violento^{IX}, além da maior visibilidade dada pelos noticiários a ações extremistas desse grupo religioso. Ainda de acordo com Erin a exposição midiática de atentados perpetrados em nome do Islã chega a ser 357% maior em relação àqueles praticados com outros embasamentos políticos e/ou religiosos, como por extremistas ligados aos ideais políticos da extrema-direita e fundamentalistas cristãos^X.

A construção do estranhamento do Ocidente em relação ao Islã e a classificação deste como intolerante e autoritário, o oposto dos preceitos modernos e democráticos, não se remete à ideia de antagonismo natural entre os povos, ou ao “choque de civilizações” defendido por Samuel Huntington, e sim ao desconhecimento do primeiro em relação ao segundo. Conforme expôs Jacques Derrida, no mundo ocidental foram ignoradas as influências da cultura árabe-muçulmana para a formação cultural do Ocidente, do histórico de laços e coexistências entre as civilizações. Junto a isto, a educação ocidental acerca da cultura islâmica se voltou à identificação da alteridade entre as civilizações e às questões de segurança nacional ao invés do entendimento gerador da compreensão e da restauração de nossas raízes árabes-greco-romanas^{XI}.

Visto a importância do conhecimento sobre o outro para que se desconstrua a intolerância, faz-se necessário expor brevemente a história do Islã em seus primórdios e como em torno deste credo religioso surgiu uma civilização rica em ideias e em contribuições científicas. Assim, a limitação do Islã e dos 1,8 bilhões de muçulmanos distribuídos pelos

PARA CONHECER O ISLÃ: A RELIGIÃO, A CIVILIZAÇÃO E OS SABERES PRODUZIDOS PELOS MUÇULMANOS

KATTY CRISTINA LIMA SÁ

cinco continentes^{XII} as ações violentas de grupos fundamentalistas minoritários mostra-se ainda mais incabível.

O nascimento da religião, a consolidação de uma civilização e a criação de saberes

Episódios de contato entre Deus e os Seus escolhidos para a realização dos desígnios sagrados na Terra são recorrentes nos textos do Antigo Testamento, como relatado nos casos de Noé, Abraão, Moisés, Elias entre outros. Para o Islã esta sequência de profetas não somente é considerada válida, como também integra sua própria história enquanto credo, uma vez que Muhammad^{XIII} (570-632), um mercador da tribo coraixita de Meca (cidade da atual Arábia Saudita), seria o encerramento desta linhagem profética e o portador da mensagem de Deus aos árabes, que se encontrava em sua forma mais perfeita e foi eternizada para as gerações posteriores através do Alcorão^{XIV}.

Segundo os relatos feitos por biógrafos de Muhammad, conta-se que ele tinha aproximadamente quarenta anos quando recebeu a primeira revelação divina por intermédio do Arcanjo Gabriel, em uma série que persistiu por mais duas décadas até a sua morte^{XV}. As revelações foram o cerne de uma nova religião monoteísta e de corpo social inédito em torno dessa, o Islã, florescente no interior de uma Arábia em que tribos nômades coexistiam com os impérios Bizantino e Persa Sassânida ao norte da península, e com reinos Iêmen e da Abissínia ao sul. O contexto de pluralidade do nascimento do Islã também era notável em nível linguístico e religioso, visto que habitavam a região grupos de cristãos, judeus, zoroastristas e politeístas, falantes do persa, grego, árabe, siríaco e aramaico, que dentro de um século estariam submetidos à autoridade política islâmica^{XVI}.

Ao disseminar a mensagem divina entre seus próximos, Muhammad se tornou o centro de uma comunidade crescente de convertidos. Entretanto, a ascensão de uma crença que reverenciava um único Deus era incomodo aos líderes de Meca, beneficiários dos lucros gerados pelas peregrinações politeístas para a Caaba^{XVII}. Segundo Karen Armstrong^{XVIII}, neste momento, os casos de perseguição e escárnio contra os primeiros muçulmanos ocorreram constantemente; tal situação, somada a ameaças contra sua vida, acarretaram na decisão do Profeta de mudar-se com seus seguidores para a cidade de Yathrib, localidade que depois viria ser conhecida como *Medinat al-Nabi* (Cidade do Profeta), ou Medina. Este acontecimento, ocorrido em 622 d.C., recebeu o nome de Hégira (*Hijrah*), “palavra que não tem apenas o sentido negativo de fuga de Meca, mas o positivo da busca de proteção, estabelecendo-se num lugar que não é o seu próprio^{XIX}”, e marcou o início do calendário e da comunidade muçulmana, a *ummah*.

O convite para o estabelecimento de Muhammad em Medina partiu das lideranças tribais locais, tanto árabes pagãs quanto judaicas, que viviam em constante disputa de interesse. Nesta cidade, o Profeta atuou como mediador de conflitos e, com isso, passou a ser detentor do poder religioso, político e militar, o que não provocou a tentativa de conversão forçada da população judaica ao Islã, ao passo que os árabes politeístas aceitaram a conversão como parte do acordo de estabelecimento. Conforme expôs Armstrong, a Hégira e seus desdobramentos possuem relevância também por iniciarem uma nova forma de organização social na Arábia, em que os laços tribais e de sangue eram substituídos por alianças políticas e religiosas. Assim, “todas as diferentes tribos do oásis deveriam sepultar antigas inimizades e formar, por assim dizer, uma nova supertribo^{XX}”.

Uma década após o estabelecimento em Medina, os domínios islâmicos, ainda sob a liderança de Muhammad, ampliaram-se pelo oeste da Península Arábica, o que incluiu a

PARA CONHECER O ISLÃ: A RELIGIÃO, A CIVILIZAÇÃO E OS SABERES PRODUZIDOS PELOS MUÇULMANOS

KATTY CRISTINA LIMA SÁ

cidade de Meca. Após a morte daquele no ano de 632 d.C., coube aos califas^{XXI}, os sucessores do Profeta no âmbito político, prosseguir com a expansão do império que em meados do século IX abarcava a Península Ibérica, o norte da África e Ásia Central, até a fronteira com a China. A posse de um território de tamanhas dimensões acarretou na coexistência entre várias etnias, línguas, religiões e conhecimentos científicos sob o controle uma mesma autoridade árabe muçulmana que, ao invés de suprimir as culturas preexistentes, assimilou-as em uma nova tradição cultural.

O exemplo da preocupação de salvaguardar e assimilar os conhecimentos antigos produzidos áreas nas quais o Islã se instalou pode ser verificado pela criação em 850 da *dar al-hikma* (Casa da Sabedoria) pelo próprio Califado. Nesta, manuscritos originalmente confeccionados em línguas como o aramaico, persa, grego e siríaco, referente às mais diversas áreas do saber – tais qual a filosofia, matemática e medicina – foram traduzidos para o árabe por um corpo de tradutores muçulmanos, cristãos e judeus^{XXII}. Contudo, não se pode afirmar que a cultura árabe-islâmica era meramente cumulativa ou imitativa, pois tais conhecimentos mesclaram-se, assimilaram-se aos preceitos religiosos e produziram novas concepções e descobertas. Assim, como afirmou Beatriz Bissio:

Em todos os ramos do conhecimento surgiu uma produção própria, em língua árabe, mesmo que não necessariamente atribuída aos árabes. Houve, porém, áreas do conhecimento em que os árabes destacaram-se como criadores de uma produção original, em particular a teologia, a jurisprudência e a linguística. Em outros terrenos, as obras em língua árabe costumavam recolher tradições culturais persas, judias e de muitos outros povos, com as quais o Império árabe-islâmico se colocara em contato, patrocinando um fecundo intercâmbio^{XXIII}

Apreciar parte deste conhecimento produzido na língua árabe facilita no vislumbre da riqueza intelectual produzida por esta civilização, e afasta a ideia errônea do Islã como fechado para o estudo da religião em seus moldes mais fundamentalistas. A partir disso, rebatemos teses como a formulada por Peter Demant na obra “O mundo muçulmano” (2013), onde o historiador afirma que:

A expansão do Islã trouxe um confronto de costumes de vigoraram nos novos territórios. [...] Para fazer frente às tendências centrífugas e manter a uniformidade da religião, desenvolveu-se a *fiqh*, técnica semijurídica de interpretação das fontes religiosas, para determinar as regras de conduta religiosa e social^{XXIV}.

Com isso, ainda que Demant reconheça os avanços intelectuais e científicos produzidos pela civilização árabe-muçulmana, ele afirma que todas as correntes de pensamento que enxergavam o mundo e a religião islâmica de modos distintos foram de eclipsados, se não desarticulados, pelo *fiqh*, ou seja, a jurisprudência islâmica, que consiste na “tentativa do esforço humano responsável por prescrever em detalhes o estilo de vida (*sharia*) que os muçulmanos deveriam seguir para obedecer a vontade de Deus^{XXV}”. Sendo assim, a fim de desarticular tal visão, começaremos a analisar os conhecimentos produzidos pelos muçulmanos a partir do *fiqh* e da sua relação com os preceitos religiosos.

A *fiqh* e a compreensão das condutas do bom muçulmano

O Islã prega a submissão do fiel à vontade divina, o que deve ser feito através da obediência às revelações ditas por Muhammad, por isso, o muçulmano tem “a necessidade de envolver Deus em todo e qualquer detalhe da sua vida^{XXVI}”. O Alcorão apresenta o desejo de Deus em relação a algumas ações cotidianas do ser humano, no entanto, não oferece um código legal e de conduta explicitamente. Há ainda outro tipo de texto sagrado que auxiliaram os muçulmanos na busca do comportamento ideal, os *ahadith* [sg. Hadith], ou seja, as

PARA CONHECER O ISLÃ: A RELIGIÃO, A CIVILIZAÇÃO E OS SABERES PRODUZIDOS PELOS MUÇULMANOS

KATTY CRISTINA LIMA SÁ

tradições do Profeta transmitidas de modo oral até sua compilação entre os séculos VIII e IX d.C., de onde se extraíram os exemplos da vida cotidiana de Muhammad e de seus primeiros seguidores.

A sistematização dos exemplos do Profeta, da maneira que ele conduziu sua vida e a de sua comunidade, bem como as indicações do Alcorão, resultou na *Sharia*, o sistema legal islâmico, e também foi desenvolvida uma jurisprudência própria para compreender e aplicar a *Sharia*, o *fiqh*. Cabe ressaltar que, como apontou John Alden Williams^{XXVII}, a ciência do direito que formalizou leituras do código de conduta muçulmano não é a mesma que estuda aspectos da teologia; este campo desenvolveu-se de modo próprio e foi denominado de *kalam*.

Dentro do *fiqh* se desenvolveram diversas escolas de lei (*madhhab*), consideradas apenas dentro do sunismo^{XXVIII}, que com o tempo sumiram ou foram incorporadas pelas quatro restantes: *Hanafi*, *Maliki*, *Shafi* e *Hambali*. Como afirmou Williams (1964), estas escolas são as definidoras do agir, da ortopraxe, islâmica, e não religiosidade individual, uma vez que os muçulmanos “preocupam-se mais com aquilo que o homem faz do que com que ele crê, e são muito lentos em rechaçar qualquer grupo de crentes por doutrina errônea^{XXIX}”. Não existe uma hierarquia entre as escolas e a visão de uma não desqualifica a das outras, todas *madhhab* coexistem e são consideradas corretas. Suas diferenças se encontram nos níveis de aceitação da racionalidade para a interpretação dos textos sagrados, da permissão até a leitura mais fundamentalista, além da adoção de costumes próprios dos locais em que cada uma se desenvolveu.

Em suma, as características de cada uma das escolas são:

- *Hanifi*: Caracterizada pela preocupação com questões de natureza prática e teórica, a exemplo do papel a ser desempenhado pelo califa, vizir, imã etc. É considerada a mais liberal de todas as escolas de lei;
- *Maliki*: Predominou na região do Magreb (noroeste da África). Segundo Williams (1964) possui caráter mais compilador do que legista, visto que seu fundador, Maliki bem Anas (-795 d.C.), foi um dos principais compiladores dos *ahadith*. Pregava a importância das interpretações individuais que valorizassem o bem-estar da comunidade;
- *Shafi*: Entre todas as escolas é considerada a intermediária na conciliação entre elementos da racionalidade grega com opiniões individuais. Surgiu em torno do século X d.C. e é muito presente nas regiões do Baixo Egito, sul da Arábia, Ásia Central e Indonésia;
- *Hambali*: Considerada a mais conversadora e severa de todas as escolas, rejeita qualquer interpretação racionalista dos textos sagrados. Predomina na Arábia Saudita, sendo base do wahhabismo e do salafismo.

Mesmo as leituras mais fechadas da *sharia* não a tornam violenta e ela sequer pode ser considerada um código penal. A temática mais tratada nas leis islâmicas, e nos manuais de reflexão da mesma, faz referência ao *ibat*, ou seja, a conduta individual do muçulmano para ser fiel a Deus, o que incluem os ritos de purificação, o modo de preparo dos alimentos, diretrizes para a realização das rezas diárias, as condições e como realizar a peregrinação para Meca etc. O segundo tema mais tratado é o *mu'amalat*, as leis que regem as relações humanas – casamento, herança, divórcio, seguido pelo assunto da ordenação da política e religiosa da sociedade e da moral pública, onde se explica as leis de vestimenta e comércio. Nos países^{XXX} que atualmente adotam de alguma forma a *sharia*, a secção do *mu'amalat* sofreu inúmeras alterações para adaptar-se as mudanças ao mundo moderno, com destaque para a

PARA CONHECER O ISLÃ: A RELIGIÃO, A CIVILIZAÇÃO E OS SABERES PRODUZIDOS PELOS MUÇULMANOS

KATTY CRISTINA LIMA SÁ

incorporação das características do direito romano ocidental e a exclusão dos castigos físicos como punições por delitos.

Após compreender o desenvolvimento da jurisprudência, ciência que foi desenvolvida de modo mais pleno do que a própria teologia, percebemos que esta traçou seu caminho de modo independente e sem qualquer intenção de unificar o Islã em torno de uma única leitura religiosa. Se o *fiqh*, cujas escolas se desenvolveram por volta do século X d.C, fosse uma tentativa de homogeneizar o pensamento muçulmano, seria improvável que um cádi (juiz) da escola *Malaki* que atou no Cairo tivesse produzido uma análise da história e da sociedade lida e considerada única por estudiosos do século XIV ao XXI como foi o caso de Ibn Khaldun.

Um modo de compreender o mundo do Islã: Ibn Khaldun e sua filosofia da história e da sociedade

Como visto anteriormente, os domínios do Califado abarcaram diversos territórios herdeiros de culturas e de saberes ancestrais que foram traduzidos e incorporados à cultura árabe. Tal assimilação resultou na ampliação do conhecimento e dos campos do saber, a exemplo da *falsafa*, a filosofia árabe islamizada, influenciada pela racionalidade grega de Platão e Aristóteles e representada por nomes como Ibn Sina^{XXXI} e Ibn Rushd^{XXXII}. O estudo da História também floresceu no seio da civilização muçulmana e tem como um de seus expoentes o magrebino Abd-ur-Ruhman Ibn Muhammad Ibn Khaldun (1332-1406), homem da política e da jurisprudência que atuou nas cortes de Fez, Granada, Tunis e no Cairo, e o responsável pelo *Kitab al-Ibar*, ou *História Universal*.

Ao tratar de Ibn Khaldun e de sua obra não mais nos situamos no período considerado o auge da civilização islâmica, quando as terras do Islã (*dar al-Islam*) se encontravam unificadas política e simbolicamente através do domínio do Califado Abássida. Ainda que a unidade cultural e religiosa se mantivesse, a política havia sido perdida e a figura do califa enquanto líder não era mais presente. Era vivenciada a retração das terras muçulmanas em todas as margens do Império: no Oriente os mongóis conquistavam e destruíam cidades, inclusive a antiga capital imperial Bagdá; no extremo ocidente, em Andaluz, os avanços dos reinos cristãos expulsavam os muçulmanos e boa parte de sua cultura da Península Ibérica; o Magreb, por fim, vivenciava a ascensão e a derrocada de inúmeras dinastias, em um quadro político instável e sem normas claras de sucessão ao cargo de monarca^{XXXIII}.

Neste contexto, segundo Beatriz Bissio^{XXXIV}, houve um movimento “recolhimento do Islã”, ou seja, perante o quadro de mudanças e incertezas em relação ao futuro, esta civilização diminuiu o ritmo de inovações intelectuais e procurou salvaguardar para as gerações posteriores aquilo já produzido. Com isso, aumentou o número de obras enciclopédicas que englobassem o máximo de conhecimento possível, tal qual o *Kitab al-Ibar*. Nesta que, conforme seu autor, objetivava produzir com “narrativa compreensível, a História do gênero humano^{XXXV}”, e, para concretizar o propósito de construir uma história universal, Ibn Khaldun se utilizou de suas experiências e conhecimentos de acerca da história do Magreb.

Escrita entre 1375 e 1379, a *História Universal* foi dividida em três volumes, sendo o primeiro a *Muqaddima* (Introdução), em que são apresentados os utilizados na análise, ou, conforme Ibn Khaldun, “o primeiro livro trata da organização social e de seus resultados^{XXXVI}”. O segundo consiste em uma história dos povos árabes e beberes, os grupos étnicos majoritários do Magreb, e o último é a *Autobiografia*, que não serve apenas para conhecer quem foi seu autor, mas para explicar o contexto e a formulação da obra. O diferencial deste conjunto está na ideia da criação uma nova ciência, capaz de analisar a

PARA CONHECER O ISLÃ: A RELIGIÃO, A CIVILIZAÇÃO E OS SABERES PRODUZIDOS PELOS MUÇULMANOS

KATTY CRISTINA LIMA SÁ

sociedade para compreender o desenvolvimento dos acontecimentos e o próprio Ibn Khaldun reconhece sua novidade quando afirmou:

É uma ciência nova e sui generis, porque tem um objetivo próprio, que é a Organização social e a Civilização, e porque trata, ordenadamente, de muitas questões que servem de explicação para a sucessão dos fenômenos que se produzem no organismo social e que são divididos à mesma essência da sociedade^{XXXVII}.

Nesta nova ciência a sociedade e seus acontecimentos são os objetos de estudo, sendo que os últimos não são considerados implicações da intervenção divina, uma vez que, na concepção do sábio magrebino, Deus interfere somente no âmbito individual da vida humana, sendo os fenômenos do nível social uma responsabilidade exclusiva daqueles que o compõe. Para Ibn Khaldun a sociedade humana é um desígnio divino e essencial ao homem, pois garante a sobrevivência a esse que não foi dotado de presas ou veneno para sua defesa. Portanto, o conceito de *umram* – sociedade ou civilização – é essencial para se compreender a análise khalduniana acerca da existência e das ações dos homens no tempo.

Ainda em meados do século XIV, Ibn Khaldun apresentou a História como uma ferramenta para a compreensão do curso e das transformações das civilizações, sendo, portanto, a responsável pela verificação dos fatos e pela investigação das causas e consequências dos acontecimentos. Deste modo, ela foi entendida como parte do estudo e compreensão das sociedades e definida da seguinte maneira:

É um dos ramos do conhecimento humano que se transmitem de geração em geração, [...] apresenta-se qual o registro dos acontecimentos que marcam o curso dos séculos, a sucessão das dinastias e os fatos que testemunharam as gerações passadas [...]. A História nos revela os segredos das revoluções e das transformações que passam todos os seres em toda criação^{XXXVIII}.

De acordo com o erudito muçulmano, a História deve ser uma análise das causas e consequências envoltas no nascimento e derrocada de um império, bem como da sociedade que ele produziu, e não uma simples narrativa dos príncipes e dos marcos políticos. Ao historiador cabe também verificar a veracidade das informações utilizadas em seu estudo, a fim de evitar a não reprodução de equívocos, que podem ser perpetuados pela retórica histórica. O método para crítica sugerido por Ibn Khaldun consiste no amplo conhecimento da estrutura da sociedade analisada a fim de testar a compatibilidade do acontecimento com aquela. Não se trata aqui de uma “crítica das fontes” como expressa na metodologia da história europeia a partir do século XIX, pois Ibn Khaldun não possuía a concepção de documento histórico, mas de uma mescla dos conhecimentos que hoje chamamos de histórico e de social que atuam em compreensão mútua^{XXXIX}.

Acerca da análise social e política de Ibn Khaldun, convém destacar que a *umram* estava dividida em dois polos: o rural (*umram badawri*) e o urbano (*umram hadari*). A *umram badawri* era dada como o ponto de início da civilização, enquanto a *umram hadari* marcava a fase posterior da primeira; entretanto, a análise feita na *Muqaddima* não estabeleceu uma relação evolutiva entre campo e cidade, pelo contrário, eles são vistos como coexistentes e mutuamente dependentes. Era no campo que se produziam os alimentos necessários para manutenção da vida urbana e de lá que provinha boa parte dos impostos pagos aos governantes, e na cidade, com sua divisão do trabalho, eram confeccionados os materiais de trabalho da população agropastoril. O meio rural também era a nascente do poder político que levava uma dinastia ao poder e, conseqüentemente ao desenvolvimento de um núcleo urbano.

PARA CONHECER O ISLÃ: A RELIGIÃO, A CIVILIZAÇÃO E OS SABERES PRODUZIDOS PELOS MUÇULMANOS

KATTY CRISTINA LIMA SÁ

Segundo Ibn Khaldun o poder político nascia entre as tribos rurais que, distantes das muralhas da cidade e do olhar do soberano, necessitavam estar em constante estado de alerta para proteger-se. A situação resultava na solidariedade tribal, um “espírito de grupo”, nomeada de *assabiyya*. O grupo portador da *assabiyya* mais sólida era aquele que destituía a monarquia governante e alcançava o poder, a partir disso era desenvolvido o seu aparato burocrático em torno de uma cidade, o que transformava a estrutura da sua sociedade de rural para urbana. Entretanto, este “espírito de grupo” não era inalterável, ele se transformaria e se perderia ao passar das gerações, conforme o aumento da prosperidade e o luxo e a diminuição da necessidade de proteção constante. A perda da *assabiyya* do grupo no poder era o ponto de partida para a usurpação por outro cuja coesão se fazia mais forte.

As visões sobre a História e o desenvolvimento do poder e da sociedade feita por Ibn Khaldun o tornaram um dos estudiosos muçulmanos mais prestigiados tanto mundo islâmico como no Ocidente, sobretudo a partir de meados do século XIX. Conforme expôs Ahmed Abdesselem^{XL}, para os islâmicos o *Kitab al-Ibar* foi compreendido como uma forma de compreender a estrutura social das regiões muçulmanas, a fim de reformulá-las e modernizá-las para retomar seu lugar de potência tal como no Medievo. Já para os orientalistas, a obra khalduniana, lida através dos diversos olhares políticos da Europa novecentista, era um marco de origem do posicionamento ideológico daquele que a analisou, fosse colonialista, marxista ou positivista, além de uma contraposição a filosofia da história europeia linear e progressista.

As noções de dinamismo do poder político, de ascensão e queda das dinastias, fez com que a filosofia da história formulada Ibn Khaldun fosse vista pelos europeus como cíclica e pessimista, um retrato amargurado de quem vivia um período de decadência. No entanto, Beatriz Bissio (2011) afirmou que a análise feita na *História Universal* tentava compreender o presente através do passado sem ressentimentos, mas com uma “postura fria e — dentro do possível — imparcial”, em que um período negativo era sucedido por outro positivo^{XLI}.

Com tudo isso, a obra de khalduniana permite que enxerguemos não apenas as estruturas sociais magrebina do século XIV, o que para Yves Lacoste^{XLII} é essencial para a compreensão da penetração colonial no Norte da África, como também a riqueza de pensamentos e campos do saber formuladas no interior da sociedade árabe-muçulmana. No *Kitab al-Ibar* a heterodoxia da formação autodidata do seu autor, que perdeu os pais e mestres ainda na juventude durante a Peste Negra, une-se a identidade cultural e religiosa que unificava a vastidão das terras islâmicas. Não podemos esquecer que Ibn Khaldun era um devoto muçulmano que atuou na política e na jurisprudência, por isso seu pensamento apresenta suas singularidades sem desvincular-se da identidade e tradição cultural que o fomentou.

Considerações finais

O Islã já nasceu cercado pela diversidade política, religiosa e linguística da Península Arábica no século VII d.C., e sua expansão pela África, Ásia e Península Ibérica obrigaram-no a conviver com saberes e costumes ainda mais variados. O olhar descuidado pode fazer parecer que a conversão dos povos subjulgados a autoridade do califa levou a total massificação cultural, porém, a pluralidade foi respeitada e, em conjunto com o desenvolvimento de uma identidade religiosa em comum que proporcionou a multiplicidade de pensamentos.

A tradução de obras antigas fez com que se conhecessem as tradições e saberes de culturas distintas, assimilados a cultura árabe e passados por mestres espalhados por toda *dar*

PARA CONHECER O ISLÃ: A RELIGIÃO, A CIVILIZAÇÃO E OS SABERES PRODUZIDOS PELOS MUÇULMANOS

KATTY CRISTINA LIMA SÁ

al-Islã através dos viajantes muçulmanos, ávidos em suas constantes buscas pelo conhecimento. Dentro de um credo em que a retidão de suas ações importa mais do que os detalhes da sua crença em um Deus único, não causa estranhamento que tenham existido mais de uma forma de seguir a conduta divina revelada por Muhammad, o que pode ser visto pela existência de mais de uma escola de jurisprudência, ou mais de um modo de interpretar o seu mundo, este último expresso pelo estudo da história e da estrutura da sociedade feito por Ibn Khaldun.

Em meio a isso, como vimos ao decorrer deste artigo, reduzir o Islã às ações fundamentalistas e extremistas é um erro. Pois os aspectos do Islã aqui apresentados remetem a uma civilização que demonstram que práticas como a tolerância e a diversidade cultural estão presentes e não apresentam uma religião baseada na violência ou que tenha nela um de seus fundamentos. Sendo assim, a visão estereotipada do Islã em muito é fruto do desconhecimento sobre essa cultura e religião.

^I Texto produzido para a disciplina “Tópicos de Poder e Sistemas Culturais – Islã Medieval” ministrada pela Prof. Dr^a Beatriz Bissio no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ no período 2018.2.

^{II} Mestranda em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista Capes. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente. E-mail: katty@getempo.org. Orientador: Dilton Cândido Santos Maynard (PPGHC/UFRJ)

^{III} Neste momento falamos de “barbárie” em seu sentido mais corriqueiro, tal como exposto por Francis Wolf (2004), em que se enxerga este conceito como oposto a “civilização” nos seus sentidos de civilidade, parte espiritual da cultura e humanidade no sentido moral. Cf. WOLF, Francis. Quem é o bárbaro?. In NOVAES, Aduato. *Civilização e Barbárie*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

^{IV} Centro de pesquisa estatística sem filiação partidária atuante nos Estados Unidos. Foi criado em 1990 com o objetivo de realizar “pesquisas de opinião pública, demográfica, análise de conteúdo e outras pesquisas de ciências sociais baseadas em dados”. Suas áreas de atuação incluem “política norte-americana; jornalismo e mídia; internet, ciência e tecnologia; religião e vida pública; Tendências hispânicas; atitudes e tendências globais; e tendências sociais e demográficas dos EUA”. Cf. PEW RESEARCH CENTER. *About Pew Research Center*. Disponível em: <http://www.pewresearch.org/about/>. Acesso em 06 de novembro de 2018.

^V PEW RESEARCH CENTER. **U.S. Muslims Concerned About Their Place in Society, but Continue to Believe in the American Dream: Terrorism and concerns about extremism**. 26 de julho de 2017. Disponível em: <http://www.pewforum.org/2017/07/26/terrorism-and-concerns-about-extremism/>. Acesso em 06 de novembro de 2018

^{VI} Como exemplo desta perseguição temos os ataques às mesquitas em todo território estadunidense. Segundo Nance Coleman, em matéria publicada na CNN, só no ano de 2017 cerca de 63 mesquitas por mês foram alvos da intolerância nos EUA. Em média 09 mesquitas eram atacadas por mês. Cf. COLLEMAN, Nance. *On average, 9 mosques have been targeted every month this year*. In: CNN International. 2017. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2017/03/20/us/mosques-targeted-2017-trnd/index.html>. Acesso em 06 de novembro de 2018.

^{VII} PEW RESEARCH CENTER. **U.S. Muslims Concerned About Their Place in Society, but Continue to Believe in the American Dream: How the U.S. general public views Muslims and Islam**. 26 de julho de 2017b. Disponível em: <http://www.pewforum.org/2017/07/26/how-the-u-s-general-public-views-muslims-and-islam/>. Acesso em 06 de novembro de 2018.

^{VIII} KEARNS, Erin [et.al]. **Why Do Some Terrorist Attacks Receive More Media Attention Than Others?**. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2928138. Acesso em 04 de novembro de 2018.

^{IX} A respeito da imagem criada pela indústria do entretenimento, sobretudo do cinema, dos estereótipos do terrorista enquanto o árabe muçulmano e do agente de contraterrorismo Cf. SANTOS, Andrey A. Ribeiro dos. *Os operários do impensável: história comparada do Terrorismo e do Contraterrorismo no Cinema (2005-2013)*. 2018. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

^X KEARNS, Op.cit

PARA CONHECER O ISLÃ: A RELIGIÃO, A CIVILIZAÇÃO E OS SABERES PRODUZIDOS PELOS MUÇULMANOS

KATTY CRISTINA LIMA SÁ

^{XI} DERRIDA apud CHÉRIF, 2004, p.27

^{XII} PEW RESEARCH CENTER. **Muslims and Islam: Key findings in the U.S. and around the world.** 09 de agosto de 2017c. Disponível em: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/08/09/muslims-and-islam-key-findings-in-the-u-s-and-around-the-world/> . Acesso em 06 de novembro de 2018.

^{XIII} Nome na forma transliterada literalmente do árabe. Em português conhece-se o Profeta por Maomé. Cf. BISSIO, Beatriz. *O mundo falava árabe: a civilização islâmica clássica através da obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011 p. 09.

^{XIV} O Alcorão é o livro sagrado dos muçulmanos, escrito na forma de versos e dividido em 114 capítulos, ou suratas. Para os muçulmanos, o Alcorão não se trata de um livro escrito pela imaginação humana, mas a transliteração das revelações divinas a Muhammad, deste modo segundo Farida Khanan “[o Alcorão] é o real da palavra de Deus na linguagem humana. Ele começou a ser revelado ao Profeta Muhammad, que a paz esteja com ele, através do anjo Gabriel, em 610 dC, enquanto o Profeta estava sentado em reclusão na caverna de Hira no topo da Montanha da Luz, duas milhas de Meca. Assim, as escrituras não foram reveladas na forma de livro em pouco tempo. Suas várias partes foram reveladas de acordo com as necessidades de cada ocasião [vivida pelo Profeta enquanto líder político e religioso]” Cf. KHANAN, Farida. *A simple guide to Islam*. Nova Delhi: Goodword Books [ano de publicação não informado], p. 62. Disponível em: <http://www.islamandpeace.org/content/dr-farida-khanam>. Acesso em 08 de novembro de 2018.

^{XV} ARMOSTRONG, Karen. **Maomé: uma biografia do Profeta**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

^{XVI} HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

^{XVII} Cubo negro que guarda um meteorito e consistia no lugar de adoração das religiões politeístas da Arábia. Após a conquista da cidade de Meca por Muhammad, o local adquiriu a significação de ser a “Casa Sagrada de Deus”, tornou-se o local mais sagrado do Islã e a é a *qibla*, a direção para a qual os muçulmanos devem se voltar ao realizar suas orações. Cf. STAYCE, Aisha. A Caaba – a Casa Sagrada de Deus. In: *The religion of Islam*. Disponível em: <https://www.islamreligion.com/pt/articles/3282/caaba-casa-sagrada-de-deus/>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

^{XVIII} ARMOSTRONG, Op.cit

^{XIX} HOURANI, Op.cit, p. 21

^{XX} ARMOSTRONG, Op.cit, p.150

^{XXI} Cabe ressaltar que Muhammad não expôs o modo que deveria ocorrer sua sucessão, o que gerou disputas entre a comunidade de fiéis. O primeiro grupo defendeu a escolha da próxima liderança muçulmana através de votação do conselho de anciãos, de acordo com as tradições tribais árabes, sem levar em conta a consanguinidade com o Profeta; o segundo acreditava que o parentesco era um elemento de escolha fundamental, por isso defenderam a escolha de Ali – primeiro e genro de Muhammad. Este grupo, conhecido como *xii’Ali* (partidários de Ali), deu origem ao seguimento xiita, enquanto o outro passou a ser conhecido como sunitas. Ao final prevaleceu a concepção sunita, e o primeiro califa escolhido foi Abu Bakr, amigo e pai de uma das esposas de Muhammad, que foi seguido por Umar, Uthman e Ali. O quinto califa, Muawiya, tomou a liderança para si em 644 e iniciou dinastia omíada, que perdeu o poder no ano de 750 para uma nova linhagem, a dos Abássidas (750-1258). Cf. HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

^{XXII} BISSIO, Beatriz. **O mundo falava árabe: a civilização islâmica clássica através da obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

^{XXIII} BISSIO, Op.cit, p. 25

^{XXIV} DEMANT, 2013, p. 59.

^{XXV} HOURANI, Op.cit, p.127

^{XXVI} BISSIO, Op.cit, p.153)

^{XXVII} WILLIAMS, John Alden. A lei: fiqh, shari’a. In: **Islamismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964

^{XXVIII} Ver a nota 08 para compreender a diferença fundamental e como ocorreu a cisão que gerou os grupos sunita e xiita. Ainda que aceitem algumas dos Hadiths sunitas, mais precisamente aqueles cuja tradição oral remete aos parentes de Muhammad, os xiitas desenvolveram suas próprias escolas de lei, a exemplo da Mutazilita. Nesta foram incorporados elementos da filosofia neoplatônica de Ibn Sina (ver nota 11 sobre a biografia deste filósofo muçulmano).

^{XXIX} WILLIAMS, Op.cit, p. 72

^{XXX} A sharia é considerada uma fonte de lei em países como Arábia Saudita, Bahrein, Emirados Árabes Unidos, Iêmen e Kuwait. Já no Paquistão, Irã e Iraque é proibido aprovar legislação antitética ao Islã, enquanto e a Tunísia, Libia e o Egito abriram o debate para incorporação de elementos legislação religiosa após a Primavera Árabe. Cf. SERGIE, Mohammad; JOHNSON, Toni. Islam: Governing Under Sharia. In: *Council of foreign*

PARA CONHECER O ISLÃ: A RELIGIÃO, A CIVILIZAÇÃO E OS SABERES PRODUZIDOS PELOS MUÇULMANOS

KATTY CRISTINA LIMA SÁ

relations. 2014. Disponível em: <https://www.cfr.org/background/islam-governing-under-sharia>. Acesso em 15 de novembro de 2018.

^{XXXI} Também conhecido como Avicena, era filósofo e médico islâmico do século X d.C.. “Em seu trabalho ele combinou as vertentes díspares do pensamento filosófico / científico da antiguidade tardia grega e do início do Islã em um sistema científico racionalmente rigoroso e autoconsistente que abrangia e explicava toda a realidade, incluindo os princípios da religião revelada às suas elaborações teológicas e místicas.” Cf. GUTAS, DIMITRI. Ibn Sina (Avicenna) [verbete]. In: ZALTA, Edward (org.). *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/ibn-sina/>. Acesso em 27 de novembro de 2018.

^{XXXII} Filósofo andaluz falecido em 1198 e conhecido no cristão Averróis. “Foi um fiel discípulo de Aristóteles e aderiu à organização do corpus aristotélico implementado por Andronicus de Rodes.”. Cf. MONTADA, José Puig. A Filosofia Natural de Ibn Rushd. In: ZALTA, Edward (org.). *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2018/entries/ibn-rushd-natural/>.

^{XXXIII} LACOSTE, Yves. **Ibn Khaldun: nascimento da História Passado no Terceiro Mundo**. São Paulo: Ática, 1991.

^{XXXIV} Bissio, Op.cit

^{XXXV} IBN KHALDUN. **Os prolegômenos ou Filosofia social**. Tradução de José Khoury e Angelina B. Khoury. São Paulo: Editora Safady, 1958, p.14

^{XXXVI} Idem

^{XXXVII} Ibidem, p. 93

^{XXXVIII} Ibidem, p. 04

^{XXXIX} ABDESSELEM, Ahmed. **Ibn Jaldun y sus lectores**. Cidade do México: Fondo de cultura económica, 1987.

^{XL} Idem

^{XLI} BISSIO, Op.cit, p. 76-77

^{XLII} LACOSTE, Op.cit

Referências

ABDESSELEM, Ahmed. **Ibn Jaldun y sus lectores**. Cidade do México: Fondo de cultura económica, 1897.

ARMOSTRONG, Karen. **Maomé: uma biografia do Profeta**. São Paulo: Companhia das letras, 2001 [versão e-book].

BISSIO, Beatriz. **O mundo falava árabe: a civilização islâmica clássica através da obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011 [versão e-book].

CHÉRIF, Mustapha. **O Islã e o Ocidente: encontro com Jacques Derrida**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

DEMAND, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo : Contexto, 2013.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das letras, 2006 [versão e-book].

IBN KHALDUN. **Os prolegômenos ou Filosofia social**. Tradução de José Khoury e Angelina B. Khoury. São Paulo: Editora Safady, 1958.

KEARNS, Erin. **Why Do Some Terrorist Attacks Receive More Media Attention Than Others?**. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2928138. Acesso em 04 de novembro de 2018.

LACOSTE, Yves. **Ibn Khaldun: nascimento da História Passado no Terceiro Mundo**. São Paulo: Ática, 1991.

**PARA CONHECER O ISLÃ: A RELIGIÃO, A CIVILIZAÇÃO E OS SABERES
PRODUZIDOS PELOS MUÇULMANOS**

KATTY CRISTINA LIMA SÁ

MEDDED, Abdelwahad. O Islã entre a civilização e barbárie. In: NOVAES, Aduino. **Civilização e Barbárie**. São Paulo: Companhia da Letras, 2004, p. 171-193.

PEW RESEARCH CENTER. **U.S. Muslims Concerned About Their Place in Society, but Continue to Believe in the American Dream: Terrorism and concerns about extremism**. 26 de julho de 2017a. Disponível em: <http://www.pewforum.org/2017/07/26/terrorism-and-concerns-about-extremism/>. Acesso em 06 de novembro de 2018.

PEW RESEARCH CENTER. **U.S. Muslims Concerned About Their Place in Society, but Continue to Believe in the American Dream: How the U.S. general public views Muslims and Islam**. 26 de julho de 2017b. Disponível em: <http://www.pewforum.org/2017/07/26/how-the-u-s-general-public-views-muslims-and-islam/>. Acesso em 06 de novembro de 2018.

PEW RESEARCH CENTER. **Muslims and Islam: Key findings in the U.S. and around the world**. 09 de agosto de 2017c. Disponível em: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/08/09/muslims-and-islam-key-findings-in-the-u-s-and-around-the-world/>. Acesso em 06 de novembro de 2018.

WILLIAMS, John Alden. A lei: fiqh, shari'a. In: **Islamismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964.